

EM DEFESA DO

Edward MacRae

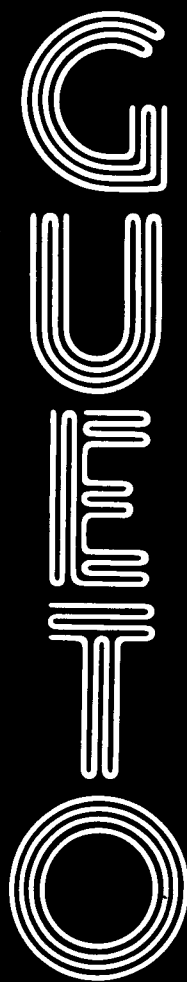
Em guetos, mas bem visíveis

Tem chamado a atenção nas áreas centrais da cidade e nos pontos boêmios paulistanos uma certa explosão de comportamento homossexual. A qualquer hora, à noite especialmente, podem-se ver pessoas do mesmo sexo, geralmente homens, andando abraçados, às vezes de mãos dadas, às vezes se beijando como forma de saudação, beijos esses não raro dados na boca.

Este comportamento, anteriormente inconcebível em público, está começando a ter respaldo em várias esferas da sociedade. É verdade que vem ocorrendo de modo mais marcante no mundo

do comércio e dos serviços, onde o mercado homossexual desponta como um novo filão a prometer bons lucros. Não é novidade a exploração comercial do homossexual. Há várias décadas já existiam bares e boates com uma frequência marcadamente homossexual. Eram situados especialmente na área central, em torno da avenida Ipiranga em São Paulo, na Cinelândia e na Lapa do Rio. Também não são de agora, no Rio especialmente, bailes carnavalescos como o do Cine São José ou da gafieira Elite, onde homossexuais, normalmente masculinos, podem ter um espaço para se travestir, dançar e até "tirar uns amassos".

Durante a década de 60, foram aber-



tas em São Paulo algumas boates declaradamente destinadas a uma clientela homossexual de classe média, que procurava locais de encontro onde houvesse maior segurança contra ataques policiais ou de bandidos. De lá para cá, cresceu o número de casas noturnas. Mas foi nos últimos anos, especialmente depois da abertura política, que surgiu uma enxurrada de estabelecimentos diretamente voltados para o mercado *gay* — bares, boates, discotecas, saunas. Hoje existem em São Paulo e no Rio algumas saunas *gay* que não deixam nada a dever às suas congêneres de Nova York ou São Francisco. Dotadas de todas as comodidades costumeiras nas melhores casas de banho, elas contam também com salas de repouso individuais ou grupais, projetadas para permitir o máximo de conforto aos fregueses que queiram ter relações sexuais, seja em casais ou em grupo.

Saunas onde havia “caçaço” e ocorriam atos sexuais já existiam há tempos. Mas nesses lugares o sexo era uma coisa apressada e furtiva: geralmente havia alguma forma de repressão exercida pela casa, com maior ou menor rigor. A novidade nos estabelecimentos que agora estão surgindo está no fato de serem concebidos e claramente dirigidos a uma freguesia homossexual e encorajarem a atividade sexual; por exemplo, com a exibição de video-tapes pornô-homossexuais na sala de repouso coletivo. Também nas discotecas *gay*, onde há algum tempo já se permitia que casais do mesmo sexo dançassem juntos, beijos eram proibidos; aos poucos foi ocorrendo uma liberalização e agora é comum ver pares homossexuais, especialmente homens, trocando beijos cinematográficos.

Embora não se possa falar em uma revolução na forma como é desempenhado o papel do homossexual nas grandes metrópoles brasileiras, mudanças há. Se elas tomaram ímpeto maior a partir da “abertura”, suas raízes começaram a se formar na confluência das décadas de 50 e 60, quando surgiram os primeiros shows de travestis, e quando certas casas noturnas como o João Sebastião Bar, em São Paulo, começaram a ser conhecidas como lugares “exóticos”, “cheios de artistas”. Cantores como Caubi Peixoto e Araci de Almeida, embora às vezes mantivessem uma fachada heterossexual, eram conhecidos como sendo homossexuais. “Caubi” chegou a virar um termo usado como insulto.

Talvez tenha sido no começo da dé-

cada de 70, com a volta da Europa de Caetano Veloso e a nova ênfase que os antigos tropicalistas passaram a dar à androginia, que o comportamento homossexual começou a sair dos recintos fechados para se tornar público. Surgiram depois os Dzi Croquetes e o conjunto Secos e Molhados, com o cantor Ney Matogrosso, borrando as linhas demarcatórias entre os sexos. Somem-se a isso notícias vindas da Europa e dos Estados Unidos falando sobre a “revolução *gay*” que estaria acontecendo nesses lugares. Em fevereiro de 1976, começou a sair na *Última Hora* de São Paulo uma coluna editada por Celso Curi, a “Coluna do Meio”, com informações, fofocas e piadas sobre o mundo *gay*, além de um “correio elegante”. Isto mais tarde seria motivo de um processo contra o jornalista, acusado de “ofender a moral e os bons costumes”. Quando Celso Curi finalmente ganhou a causa, já fora demitido do jornal.

O grande marco mesmo foi o aparecimento do jornal *Lampião*, cujo número experimental circulou pela primeira vez em abril de 1978. Durou três anos, com tiragens mensais de 12 a 15 000 exemplares. Embora não fosse a primeira publicação a se dirigir diretamente ao público homossexual, foi a primeira tentativa bem sucedida de fazer um jornal com reflexões sobre o estilo de vida homossexual que fossem além da superfície sem, contudo, cair numa sisudez atípica do público a que se dirigia. Originalmente se propunha ser mais do que um jornal *gay*, tentando levantar discussões também sobre a condição dos negros, dos índios e das mulheres, e sobre ecologia. Mas, voltado desde o início predominantemente para os interesses dos homossexuais masculinos, passou a se dirigir cada vez mais a este grupo. Pouco antes de deixar de circular, em meados de 1981, publicava pacotes de reportagens sobre um mesmo tema como travestis, michês, masturbação, hotéis de “pegação” etc. Ousando falar sobre o até então impublicável, como a série de artigos onde a masturbação era altamente elogiada como fonte de prazer, o jornal ajudou a ampliar as fronteiras da discussão na imprensa.

Existiam críticas a ele, é claro. Uma das mais constantes era que o jornal pagava demasiadamente a imagem da “bicha folclórica”, cujos principais interesses seriam sexo, plumas e paetês. Demasiadamente voltado ao homossexual

**Ousando falar
sobre o até
então
impublicável**

que freqüenta o gueto, o *Lampião* estaria esquecendo a enorme parcela que prefere um modo de vida mais discreto, sério, menos visível. Apesar das críticas, o *Lampião*, mais que qualquer outro órgão da imprensa, abriu e sustentou a discussão sobre o homossexualismo e teve importância ao difundir a idéia de militância política homossexual.

Hoje existem várias revistas voltadas para o mercado *gay*, de qualidade bastante inferior ao *Lampião* e de conteúdo basicamente pornográfico. Visando principalmente ao lucro, trazem artigos bastante superficiais, muito embora seu conteúdo anti-repressivo acabe questionando vários tabus e proporcionando informações sobre o corpo humano e sobre temas médicos ligados à sexualidade.

Talvez o símbolo máximo da exploração do mercado homossexual seja o baile "Gala Gay" da terça-feira de carnaval, promovido por Guilherme Araújo no Canecão do Rio de Janeiro, que tem contado com milhares de participantes não obstante o alto custo do ingresso. Não só o homossexual virou mercado, como também virou mercadoria. De diversos modos sua imagem é vendida ao grande público. Um exemplo? A edição especial da revista *Fatos e Fotos-Gente*, de março de 1982, totalmente dedicada a fotos de travestis e com ampla cobertura do baile "Gala Gay".

No mundo musical alguns artistas, ao invés de esconderem suas preferências sexuais, como faziam antigamente seus colegas homossexuais, agora constroem seus espetáculos em torno de sua sexualidade. Ângela RoRo, por exemplo, passa grande parte de seus shows falando de seus amores lésbicos, tema de boa parte de suas composições. Ney Matogrosso consegue efeitos extraordinários com sua voz em falsete, e seus melhores achados cênicos são construídos em torno de uma ambigüidade sexual realçada por maquilagem, roupas e dança. Caetano Veloso, embora não se declare homossexual, também deve ser lembrado aqui: no princípio da década de 70 já aparecia em cena maquilado e usando roupas femininas.

Na televisão o assunto começa a ser abordado em novelas, filmes, conselhos de moda e quadros humorísticos. No teatro, desde há algum tempo a programação de São Paulo e Rio contava regularmente com várias peças abordando o assunto de uma forma ou outra. O que está mudando não é apenas a quantidade

de espetáculos em cartaz ao mesmo tempo a tratar do assunto (recentemente havia cinco no Rio e três em São Paulo), como também a forma de encenação, que inclui cenas de nudez, beijos na boca e até coito anal simulado.

Um dos aspectos mais interessantes desta aparição do homossexualismo em público é a vertente que o trata como postura política. Neste caso, o *Lampião* teve um papel pioneiro, no qual foi quase simultaneamente acompanhado por um grupo de homens em São Paulo, dando origem mais tarde ao Grupo Somos/SP. Hoje em dia há grupos em várias cidades do Brasil. Como todos são autônomos, é bastante difícil caracterizar seus traços gerais, mas pode-se dizer que, *grosso modo*, elegeram o machismo e a sociedade patriarcal como alvo de seus ataques. Estes grupos geralmente têm como preocupação provocar mudanças na atitude repressora da sociedade, mas a atuação em que — a meu ver — acabam sendo mais bem sucedidos consiste em reuniões de reflexão em que são debatidos temas trazidos pelo relato das histórias de vida de seus integrantes.

A atuação externa destes grupos tem um efeito propagandístico especialmente importante. Dada a propensão da mídia a explorar o filão homossexual, suas manifestações recebem cobertura e são bastante discutidas. Haja vista a passeata de protesto organizada contra a "Operação Rondão" do delegado Richetti da Seccional Centro de São Paulo. Na virada de 1979 a 1980, as áreas que formam o gueto homossexual de São Paulo passaram a gozar de uma liberdade sem precedentes. Nestes lugares, o beijo entre homens, o segurar de mãos, o exibicionismo dos travestis tornaram-se rotineiros, chegando a um ponto intolerável para certos setores da sociedade. O *Estado de São Paulo* publicou uma série de artigos extremamente violentos, atacando os travestis. Pouco depois, começava a "Operação Rondão". Durante semanas as áreas mais freqüentadas pelos homossexuais paulistanos foram sistematicamente atacadas pela polícia, conseguindo afastar das ruas quase toda manifestação de comportamento homossexual. Alegando estar à procura de bandidos foragidos, a polícia prendia toda pessoa que estivesse sem carteira de trabalho assinada. Além de ser uma forma de ação muito ineficiente (em um fim de semana, por exemplo, foram presas mais de quinhentas pessoas das quais

O homossexualismo como postura política

nem dez eram procuradas), a operação foi muito violenta; atemorizou não apenas os homossexuais, mas também outros freqüentadores noturnos do centro da cidade — prostitutas, negros, estudantes, artistas, desempregados, etc. Em protesto contra tais arbitrariedades, grupos homossexuais aliados às feministas e ao Movimento Negro Unificado organizaram uma passeata que contou com quase mil participantes. Aliás, grupos homossexuais também têm participado de passeatas e atos públicos organizados pelas feministas e pelos negros. Alguns entendem que o movimento mais próximo a eles é o feminista. Especialmente depois que as lésbicas começaram a se colocar como lésbicas feministas e a conquistar espaço entre as organizações de mulheres, os homossexuais passaram a ter interesse crescente por este movimento e a participar de suas atividades.

Também em nível político-partidário a questão está sendo debatida e, este ano, alguns candidatos a vereador e a deputado, tanto no PMDB quanto no PT, incluíram em suas plataformas reivindicações dos grupos homossexuais. A principal delas é a exigência da abolição do código 302.0 do INPS, que rotula o homossexualismo como “desvio sexual”.

Com todos esses fatores em operação, hoje se divulga muito mais informação sobre homossexualismo do que alguns anos atrás. Vão se levantando um pouco os véus de mistério e maldição que envolviam o assunto. A própria palavra *gay*, originalmente restrita aos meios homossexuais dos países de língua inglesa, é agora conhecida de todos e usada como expressão muito menos carregada negativamente; sem as conotações de seriedade o termo “homossexual”, tem se prestado otimamente à comercialização: a origem anglo-saxônica empresta-lhe um *glamour* de coisa de país desenvolvido.

Auto-imagem positiva

Aos poucos, cresce o número de pessoas que assumem a identidade homossexual, dando coragem a outros de fazer o mesmo. O aumento do número de homossexuais visíveis tem levado a população como um todo a dar mais atenção ao fenômeno e tem promovido a idéia de que podem existir diversas orientações sexuais, todas válidas. Apesar de os grupos homossexuais dizerem não desejá-la, parece haver uma tendência à integração na sociedade. Afinal, talvez a

sociedade não tenha de sofrer mudanças muito radicais para permitir alguma acomodação, alguma convivência.

Concomitantemente às mudanças que ocorrem no nível social mais amplo, está se alterando a forma como os homossexuais se vêem e se relacionam entre si. Em primeiro lugar, a diminuição da carga de sentimento de culpa que pesa sobre esses indivíduos. Com o declínio da importância da religião cristã como fator normativo da sociedade urbanizada e de consumo conspícuo, há uma tendência a deixar de ver o prazer sexual como intrinsecamente pecaminoso. Novos conceitos entram no lugar do antigo pecado: anormalidade, doença, desvio, etc. Embora carregados negativamente, possuem a vantagem de se reportar ao mundo racional, passíveis portanto de questionamento através da razão. É muito mais fácil, por exemplo, argumentar que a “natureza” é um conceito relativo e que portanto a “antinaturalidade” do homossexualismo também o é, do que ir contra preceitos bíblicos baseados numa suposta revelação divina.

Embora continue a vigorar uma série de fatores inconscientes, acessíveis só através de análises profundas, é inegável que discussões entre amigos e a força do exemplo ajudam imensamente as pessoas a se sentirem menos culpadas em relação à sua conduta sexual. Não é à toa que uma das atividades mais bem-sucedidas dos grupos homossexuais seja a formação de grupos de reflexão e troca de experiências. De maneira mais informal, o mesmo processo se repete nos bares, discotecas e outros estabelecimentos que compõem o chamado gueto homossexual.

A importância do gueto

Os sentimentos de culpa e pecado que oprimem o homossexual são constantemente repostos por fatores sociais que o levam a se ocultar, a ter medo do ridículo, da prisão, do desemprego, do ostracismo por parte de amigos e familiares. O gueto é um lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social. Uma vez construída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em âmbitos menos restritos e, em muitos casos, pode vir a ser conhecido como homossexual

Levantam-se um pouco os véus de mistério e maldição

em todos os meios que freqüenta. Por isso é da maior importância a existência do gueto. Mais cedo ou mais tarde, acaba afetando outras áreas da sociedade.

Como parte do esforço por fazer com que tanto a sociedade como um todo quanto os indivíduos homossexuais reavaliam a imagem do homossexual, alguns dos grupos têm promovido uma revalorização das palavras "lésbica" e "bicha". Promove-se o uso dessas palavras no linguajar corriqueiro. Entre os envolvidos nos grupos é praxe o uso desses termos referindo-se a si próprios. Procura-se esvaziá-los de sua carga pejorativa. Diz-se que, uma vez que os homossexuais consigam assumir certos rótulos sem sentimento de culpa ou inferioridade, se terá roubado uma das grandes armas dos seus perseguidores.

Além de exibirem maior dose de autoconfiança em suas relações com a sociedade como um todo, os homossexuais também estão mudando as formas de se relacionar entre si. Tradicionalmente, em se tratando de papéis sexuais, a sociedade divide os indivíduos em dois: o homem e a mulher, o ativo e o passivo. Essa divisão em dois tipos é extremamente arraigada na cultura e não surpreende que se encontre reproduzida nas relações homossexuais, os homens classificando-se como "bofe" e "bicha" e as mulheres como "fanchona" e "lady". Em ambos os casos, os primeiros seriam "ativos" e os segundos "passivos", reproduzindo-se relações de dominação vigentes entre homens e mulheres. Mas, assim como entre homem e mulher estão ocorrendo mudanças notáveis, também entre casais homossexuais está se dando uma diluição da dicotomia ativo/passivo, a par de maior democratização do relacionamento. Isto parece ocorrer principalmente entre moradores de cidades grandes, de níveis sócio-econômico e educacional mais elevados. Desloca-se a ênfase dos detalhes do ato sexual (quem penetra quem) para o relacionamento visto de maneira mais abrangente, isto é, importa com *quem* você se relaciona, se com pessoas do seu próprio sexo ou não. Estas pessoas, que se definem não mais como ativas ou passivas, mas sim como heterossexuais ou homossexuais, questionam a validade de papéis preestabelecidos e muitas vezes sentem-se extremamente constrangidas se forçadas a exercê-los.¹

Este questionamento das normas tradicionais não raro se estende a outros

conceitos tomados de empréstimo do casamento heterossexual: a fidelidade, por exemplo. Neste caso, considerando a exigência de fidelidade do parceiro uma idéia baseada na necessidade de transmissão da propriedade e de criação dos filhos, alguns, especialmente homens, começam a questionar sua aplicabilidade aos homossexuais. Alimenta ainda mais esta dúvida a propensão à promiscuidade, amplamente constatada entre os homossexuais masculinos: muitos se recusam a assumir qualquer compromisso mais estável, temendo ter sua liberdade tolhida.

Começam a se alastrar os "casos abertos", em que os parceiros estabelecem uma espécie de acordo que permite relações com terceiros sem ameaça ao "caso". Em parte pela falta de qualquer parâmetro preexistente, estes "casos" às vezes se tornam complicados, mas entre aqueles que se julgam "progressistas" (como os engajados no Movimento Homossexual) "casos fechados" são às vezes considerados castradores, irrealistas, geradores de hipocrisia e, ofensa final, "machistas".

Entre as lésbicas, provavelmente por causa da educação diferenciada que exalta a promiscuidade masculina enquanto reprime toda manifestação de sexualidade feminina, os "casos" tendem a ser mais "fechados". Mas também entre elas a predominância das divisões de papéis tradicionais leva, às vezes, a situações caricaturais em que a "fanchona" adota o comportamento promíscuo, socialmente reservado ao homem, e exige fidelidade absoluta de "sua mulher".

Na época da mobilização contra o delegado Richetti, solicitou-se o auxílio de deputados da oposição, bem como de representantes dos setores ditos democráticos (sindicatos, OAB, Comissão de Justiça e Paz, etc.). Embora mostrassem uma certa receptividade, estas entidades e estes políticos, receosos talvez de se "sujar" perante seu público enfocaram somente a questão dos direitos humanos, evitando ao máximo até mesmo a menção da palavra "homossexual". Durante a passeata de protesto nenhum deles compareceu. A única pessoa de renome a estar presente foi o pintor e escritor Darci Penteado, que há tempos se identifica com a causa homossexual.

Também na esquerda há posições abertamente anti-homossexuais. Quando em 1980 organizou-se um ato público contra os atentados terroristas da direi-

Democratização do relacionamento, diluição da dicotomia ativo/passivo

¹ FRY, Peter. *Para Inglês Ver*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1982.

Os homens são muito mais visíveis, seu gueto é bem maior

ta, militantes de um determinado grupo saíram pelas ruas convocando o povo a um protesto contra os “maricas fascistas”. Esse tipo de posicionamento ocorre de vez em quando no jornal *Hora do Povo*. No seu número de 6 de fevereiro de 1981, um artigo atacava as “autonomistas” do movimento feminista: grã-finas desorientadas, lideradas por lésbicas! Acima do artigo, uma charge assinada por Maringoni em que apareciam, entre outras mulheres, duas lésbicas, uma tendo um ataque histérico ao ver mulheres do povo, enquanto a outra, caricaturalmente “machona”, tenta levá-la para casa.

Persiste ainda em várias áreas a dicotomia bofe/bicha, ativo/passivo. Nos meios de comunicação de massa ainda se continua a propagar a visão que associa o homossexual ao passivo; com raras exceções, o “desmunhecar” é essencial para qualquer representação desse tipo de personalidade. Por outro lado, mesmo entre homossexuais, as chamadas “bichas pintosas” — os homens muito efeminados — sofrem muita discriminação por parte daqueles que internalizaram os preconceitos da sociedade, extravasando-os sobre os indivíduos que vêem como mais escandalosos e cuja companhia pode ser comprometedora.

Essa divisão entre “bicha” e “bofe” leva também a um acirramento da misoginia latente em muitos homossexuais masculinos. Isso porque a “bicha” às vezes se considera em competição direta com as mulheres (pejorativamente chamadas de “rachadas”) e em inferioridade de condições.

Como parte da constelação de atitudes em torno da dicotomia “bicha/bofe”, há a tendência a compartimentalizar as emoções, separando a atividade sexual do mundo afetivo. Na relação “bicha/bofe” isso é bastante comum e parece ter sua razão de ser, uma vez que o “bofe” teria sua virilidade questionada se mantivesse qualquer relacionamento mais profundo ou duradouro com uma “bicha”. Conseqüentemente, ambos logo aprendem a não investir seus sentimentos nessas relações. Esse processo também é encontrado entre homossexuais que já romperam com a divisão dos papéis sexuais. A proliferação de saunas *gay* onde as relações sexuais ocorrem entre parceiros que só se vêem na penumbra ou entre nuvens de vapor, às vezes sem mesmo dizerem seus nomes, vem reforçar esta separação sexo/afeto.

Homens e mulheres

Olhando o mundo homossexual de hoje, percebe-se a diferença existente entre a situação dos homossexuais masculinos e a das lésbicas. Os homens são muito mais visíveis e o seu gueto é bem maior, contando com numerosos bares, discotecas e saunas, enquanto as mulheres têm muito menos opções como pontos de encontro. Por um lado, a maior repressão sofrida pelas mulheres em geral leva as lésbicas (tanto quanto as heterossexuais) a saírem menos sozinhas, a serem mais tímidas quanto a manifestações abertas de sua sexualidade; são mais “enrustidas”, menos visíveis. Outro fator é puramente econômico: as mulheres ganham menos que os homens e, claro, constituem um mercado consumidor menos atraente. Não obstante, há sinais de mudanças. Começam a surgir mais bares e discotecas freqüentados predominantemente por mulheres, notadamente no centro de São Paulo.

Talvez pelo fato de a subcultura lésbica ainda ser pouco desenvolvida, entre elas persiste com maior força a divisão de papéis ativo/passivo. A maior durabilidade dos seus casos de amor seria, segundo alguns, resultado desta apropriação mais completa do modelo heterossexual que enfatiza o caráter permanente do casamento. Entre homossexuais masculinos, os papéis mais igualitários levariam talvez os dois parceiros a se acharem com o direito de procurar satisfação sexual onde quiserem; existem menos regras de conduta e portanto maior instabilidade. Um fator que pesa nesta diferença é sem dúvida a já mencionada educação diferenciada, que enfatiza muito mais a natureza promíscua do homem que a da mulher.

Mas entre as mulheres a concepção tradicional dos papéis também está sendo questionada. Especialmente pelas que se ligaram de alguma forma aos movimentos feministas e homossexual. Embora estas lésbicas “conscientizadas” tendam a não freqüentar o gueto e a ser incompreendidas por suas freqüentadoras, é provável que tenham uma influência indireta, se por nenhuma outra razão, ao menos por causa da cobertura que ocasionalmente recebem dos meios de comunicação. Não se deve esquecer também que em certas ocasiões elas têm procurado desenvolver um trabalho mais intensivo junto a essas mulheres — como a série de bingos que elas organizaram

aos domingos numa discoteca de lésbicas em São Paulo.

Ao relacionarmos a persistência da divisão de papéis sexuais entre mulheres ao menor desenvolvimento do gueto e, portanto, da subcultura lésbica, vemos a importância que pode ter este espaço, como local de refúgio e como foco gerador de novos padrões de atitudes. A partir daí, vê-se o quanto é séria a ameaça a esta região por parte das forças policiais. Embora seja improvável o fechamento completo de todos os estabelecimentos *gay*, dada a suscetibilidade das autoridades policiais ao suborno, ele excluiria os mais pobres, impossibilitados de pagar os altos preços das discotecas, saunas e bares. Não é de surpreender que a primeira passeata política, abertamente homossexual, visasse a defender justamente este espaço livre.

Entre os homossexuais também há quem despreze o "gueto". Alguns até defendem a posição de que ali não é o local adequado para suas atividades políticas, preferindo a militância em outras organizações como sindicatos e partidos. Outros, porém, acham que se deve valorizar aquele espaço, para eles um importante foco de resistência, tentando expandi-lo por toda a cidade e procurando uma diluição natural de suas fronteiras. Embora idealmente o homossexual não devesse ser encarado como uma coisa à parte, dizem eles, do modo como as coisas estão é necessário que se fale ao máximo para afirmar perante a sociedade a igual validade desta orientação sexual.

O ex-militante francês do movimento homossexual FHAR, Guy Hocquenghem, em seu livro *A Contestação Homossexual*, levanta o problema: talvez o que esteja ocorrendo no momento seja simplesmente um remapeamento do que pode ser considerado comportamento lícito e ilícito. As ligações homossexuais seriam agora mais aceitas, mas teriam que se submeter a novas regulamentações. Estas excluiriam relações inter-raciais, interclasses e entre pessoas de idades muito díspares. Se formos examinar a situação nas grandes metrópoles brasileiras, veremos que aqui o aparecimento de espaços comerciais onde o comportamento homossexual é permitido tende, de fato, a segregar as pessoas em termos econômicos e, portanto, raciais. As leis que proíbem a entrada de menores nestes recintos também servem para manter uma divisão entre idades. Mas não devemos simplificar demais a questão. É

necessário lembrar que especialmente entre os homossexuais masculinos a atração sexual é vista como sendo principalmente física: dois homens de distinta posição social podem cruzar olhares na rua, parar para conversar e em poucos minutos estar juntos na cama. A aventura e o gosto pelo desconhecido continuam a ser prezadíssimos condimentos de uma "transa".

Isto nos leva a uma questão até o momento pouco discutida mas que me tem ocorrido com frequência, especialmente em momentos de desentendimento entre militantes feministas e homossexuais (especialmente masculinos). Embora estes dois movimentos pareçam partir de premissas parecidas, questionando as atitudes machistas encontradas na sociedade, existe entre setores destes movimentos uma diferença básica. As feministas se propõem a mudanças radicais, não só da sociedade como um todo, mas também de si mesmas. A partir de uma crítica da educação diferenciada e do efeito que isso tem sobre todas as mulheres, elas, em alguns grupos mais que em outros, pretendem lutar contra as suas tendências a se conformar aos padrões psicológicos definidos como femininos: personalidades maleáveis e submissas, dependentes e pouco assertivas. Ao mesmo tempo, estão muito atentas para não deixar outras mulheres assumirem as posições dominadoras antes ocupadas por homens. Estas preocupações levam a uma posição de amplo questionamento de si próprias e até de sentimentos que poderiam parecer naturais, como ciúme e possessividade. Os homens homossexuais, por outro lado, partem da premissa de que sempre foram reprimidos em seus desejos. Ao se organizarem, sentem que um dos seus atos políticos mais importantes está em extravasá-los o mais abertamente possível. Desta forma, até o desempenho de papéis sexuais dos mais estereotipados do tipo "bicha/bofe" são legitimados, e qualquer questionamento pode passar a ser encarado como moralismo. Além do exemplo citado dos papéis sexuais, desentendimentos entre militantes dos dois movimentos existem em potencial em muitas questões. Entre elas a questão da proximidade e da pornografia que, por dissociarem o contato sexual de um contato mais profundo e afetivo, são vistas por muitas feministas como desumanas e machistas.

Intrinsecamente relacionada à questão

O gueto: foco gerador de novos padrões de atitudes

No interior do gueto, reproduzem-se as segregações por critérios econômicos

da reprodução dos papéis sexuais, está a do travesti e a do transexual. Estes indivíduos em alguns casos chegam a se submeter a dolorosas e caras operações para adquirir características externas do sexo oposto. Pelas feministas e por muitos integrantes do movimento homossexual, são tidos como meros reprodutores da vigente organização dos papéis sexuais. Alguns, contudo, vêem no fato de um homem conseguir passar por mulher uma subversão da ideologia que defende a "naturalidade" das diferenças entre os sexos. Seria o que os anglosaxões chamam de *genderfucking*.

A maioria dos homossexuais parece nutrir profundo desprezo e antipatia pelos travestis; estes simplesmente alimentariam os preconceitos dos heterossexuais que acreditam que todo homem homossexual deseja, no fundo, virar mulher. Mesmo a chamada "bicha pintosa" já começa a sofrer essa discriminação. A resposta que os travestis dão às críticas: eles é que são os verdadeiros homossexuais assumidos; eles é que sempre formaram a vanguarda, abrindo novos espaços e enfrentando as repressões mais violentas. Como dizem: "Para ser travesti é preciso ser muito macho".

Segundo Weeks,² embora o papel do homossexual tivesse começado a aparecer antes, sua cristalização na Inglaterra só se deu no século XIX, justamente quando ocorria uma reestruturação da família e das relações sexuais em virtude do triunfo do capitalismo industrial e da urbanização. Este foi um período marcado pela exclusão das mulheres do mercado de trabalho, da criação de uma massa operária que dependia do sistema familiar para se reproduzir e se manter. Os papéis sociais representados pelos dois sexos tornaram-se mais claramente definidos e o homossexualismo (especialmente o masculino) tornou-se uma ameaça a este sistema. Por isso foi preciso contê-lo e a criação de um papel homossexual estigmatizado serve para manter a massa da sociedade dentro dos padrões. Isso ocorre de duas formas:

- a) fornece um limite preciso entre o comportamento permissível e o não permissível.
- b) leva a uma segregação daqueles que são rotulados de "desviantes" dos outros membros da sociedade e dessa forma contém e limita os seus padrões comportamentais.

É interessante notar que hoje, quando se começa a falar sobre a desintegração da família, também começam a surgir os movimentos de contestação *gay*. Tentativamente poderíamos dizer que atualmente, nos grandes centros metropolitanos, muitas das funções tradicionais da família como reprodutora da força de trabalho estão mudando de importância. Nestas cidades, agora, é comum a mulher trabalhar fora de casa e os dois sexos terem uma educação cada vez mais semelhante. As tradicionais tarefas domésticas outrora reservadas às mulheres estão se tornando mais leves graças aos auxílios que a tecnologia fornece. A tarefa de educação das crianças está mais socializada. No seio da família ocorrem mudanças radicais como resultado da perda do monopólio do poder econômico por parte do pai.

Por outro lado, a moderna sociedade de massas, presidida por grandes burocracias estatais e privadas, torna-se cada vez mais impessoal. Ora, apesar de todos os seus defeitos, é a família que tem fornecido ao indivíduo um lastro de permanência e uma base para seus valores. Pois bem. E se isto não mais interessar tanto ao sistema econômico de hoje que, nas grandes cidades como São Paulo e Rio, enfatiza cada vez mais a importância de um pseudo-individualismo consumista? Dentro deste contexto pode-se entender melhor por que de repente, nos centros mais desenvolvidos do mundo, começa-se a cogitar do aborto livre, os meios de comunicação de massa veiculam idéias de liberação feminina e o divórcio torna-se cada vez mais rotineiro. É relevante notar que vem crescendo também o número de bares, salões de dança, saunas, etc. onde os heterossexuais podem compartilhar do sexo impessoal.

Não é de estranhar que o homossexualismo de repente parece tornar-se mais aceito. Afinal, em vez de uma ameaça ao sistema, pode até conter certos traços a ser imitados. Claro que isto não passa de uma possível tendência, contra a qual persistem fortes barreiras sociais, estruturais e atitudinais.

Edward Mac Rae é formado em Psicologia Social pela Universidade de Sussex e co-autor, com Peter Fry, de *O que é homossexualismo*, São Paulo, Brasiliense, 1982.